
Seria a experiência onírica particular ao sonhador? Uma compreensão da
Daseinsanalyse a partir do diálogo com o povo Krahô

*Is the Dream Experience Particular to the Dreamer? An Understanding of
Daseinsanalysis Through Dialogue with the Krahô People*

DOI: 10.12957/ek.2024.88090

Ana Laura Cezar Bessan¹

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

lbessan5@gmail.com

Clara Meira Rocha Vieira de Freitas²

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

psi.clarafreitas@gmail.com

RESUMO

Os sonhos são uma parte vital da cosmovisão do povo Krahô. A compreensão dos sonhos orienta a vida através de uma prática na qual a existência onírica é tematizada em grupo para elucidação de suas mensagens. A fenomenologia de Martin Heidegger possibilita dialogar com essa compreensão coletiva dos sonhos por apontar o caráter de ser-com do *Dasein*. Ainda é necessário entender se este âmbito foi considerado pelos daseinanalistas ao formularem suas análises da existência onírica, no entanto. Este artigo objetiva entender se há na *Daseinsanalyse* propostas de análise dos sonhos que permitam compreendê-los como fenômenos coletivos. As perspectivas abordadas foram as de Ludwig Binswanger, Medard Boss e Alice Holzhey-Kunz, por serem autores de referência devido às suas propostas inovadoras no campo da *Daseinsanalyse*. Foi possível verificar que Binswanger e Holzhey-Kunz consideram a existência onírica como um modo de ser privado, compreensão diversa do povo Krahô. Boss considera o sonhador como ser-no-mundo, o que abre a possibilidade de reflexão sobre o caráter compartilhado dos sonhos, ainda que isso não tenha sido tematizado pelo autor. Este estudo aponta a necessidade de revisitar as propostas de análise dos sonhos de forma a considerar se permitem diálogo com visões de mundo presentes em povos e grupos que foram

¹ Graduada em Psicologia pela UNIP, pós-graduada em Psicologia Fenomenológica e Hermenêutica pela UNISEPE e mestranda em Psicologia Clínica pela PUCSP - Bolsista CAPES.

² Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica - PUC-SP e bolsista da CAPES. Especialista em Clínica fenomenológica das infâncias, adolescências e famílias (NUCAFE/FGE-SP).

historicamente colonizados. Desta forma os horizontes da clínica podem ser ampliados, tornando-a mais sensível a diferentes modos de existir.

Palavras-chave

Sonho. Povos originários. *Daseinsanalyse*. Ser-com. Psicologia fenomenológica.

ABSTRACT

Dreams are a vital part of the worldview of the Krahô people. The understanding of dreams guides life through a practice in which the dream existence is discussed collectively to elucidate its messages. Martin Heidegger's phenomenology enables a dialogue with this collective understanding of dreams by pointing to the *Dasein*'s being-with character. However, it is still necessary to understand whether this dimension was considered by Daseinsanalysts when formulating their analyses of dream existence. This article aims to explore whether there are any proposals within Daseinsanalysis that allow dreams to be understood as collective phenomena. The perspectives examined are those of Ludwig Binswanger, Medard Boss, and Alice Holzhey-Kunz, as they are key authors due to their innovative contributions to the field of Daseinsanalysis. It was found that Binswanger and Holzhey-Kunz consider dream existence as a form of private being, which contrasts with the view of the Krahô people. Boss, however, sees the dreamer as being-in-the-world, which opens up the possibility for reflection on the shared nature of dreams, although this was not specifically addressed by the author. This study points to the need to revisit dream analysis proposals to consider whether they allow for a dialogue with worldviews present in historically colonized peoples and groups. In this way, the horizons of clinical practice can be expanded, making it more sensitive to different modes of existence.

Keywords

Dream. Indigenous peoples. *Daseinsanalyse*. Being-with. Phenomenological psychology.

INTRODUÇÃO

Os sonhos são uma parte fundamental da cosmovisão e cultura do povo Krahô, indígenas da região do Tocantins, Brasil. Kaká Werá Jecupé, indígena filho de pais tapuia, aprendeu com este povo que, os sonhos não são meros produtos da mente durante o sono, mas sim manifestações significativas que conectam o mundo espiritual ao cotidiano (Ortega; Jecupé, 2020). Os Krahô acreditam que os sonhos trazem mensagens que podem oferecer orientações, alertas ou revelações sobre a vida dos sonhadores e suas comunidades. Frequentemente, esses sonhos são vistos como comunicações de entidades espirituais, incluindo ancestrais e seres da natureza, o que os torna uma forma vital de diálogo com eles e fundamenta a prática espiritual e social do povo.

A compreensão dos sonhos entre os Krahô se dá em uma prática coletiva que envolve não apenas os sonhadores, mas também outros membros da comunidade, como líderes espirituais e anciãos. Essas pessoas, dotadas de sabedoria e experiência, ajudam a

elucidar aquilo que está presente nos sonhos. A interatividade da coletividade é essencial para esse processo, pois a comunidade tem a responsabilidade compartilhada de entender os sinais que os sonhos indicam em relação ao bem-estar coletivo. Kaká Werá Jecupé conta:

Eu vivi essa experiência da Roda dos Sonhos com os Krahô. É uma coisa bem simples. Pela manhã, ao despertar, você se reúne com um grupo (família, amigos, pessoas) em uma roda, e cada um compartilha o sonho que teve durante a noite. Nesse momento, aquele que compartilha não compartilha como um sonho pessoal, mas como um sonho coletivo, mesmo que seja algo pessoal. E aquele que escuta o faz não para interpretar, mas para se colocar dentro desse sonho. E aí, se ele também teve um sonho, ele vai contar o sonho dele como um complemento desse sonho escutado. A resposta que dou para o sonho do outro, então, é o sonho que eu tive. Se eu não sonhei, fico quieto. (Ortega; Jecupé, 2020)

Assim, os sonhos são utilizados como guias em decisões importantes que podem afetar tanto os indivíduos quanto a comunidade como um todo, influenciando também ações coletivas como caçadas e festividades. Dessa forma, os sonhos se tornam ferramentas de sobrevivência e coesão social que orientam a vida dos Krahô.

A compreensão dos sonhos nessa cultura revela uma prática rica e multifacetada que reflete uma ausência de cisão entre o sagrado e o cotidiano, bem como entre o individual e o coletivo. Na visão Krahô, os sonhos são portadores de sabedoria e orientações que, quando devidamente compartilhados e compreendidos, contribuem para a harmonia da comunidade e para a compreensão de seu lugar no mundo. Essa abordagem destaca a importância dos sonhos não apenas como experiências pessoais, mas como uma esfera significativa de construção cultural e espiritual.

O entendimento dos sonhos do povo Krahô possibilita ampliar a compreensão dos posicionamentos que caracterizam o sonho como fruto da mente de um indivíduo, dizendo respeito exclusivamente a ele. Esta postura é muito característica à psicanálise, já que em sua obra *A Interpretação dos Sonhos* (Freud, 2019) Sigmund Freud argumentou que os sonhos são composições significativas que oferecem uma compreensão da vida psíquica do indivíduo. Para o psicanalista, os sonhos são uma expressão de um desejo inconsciente reprimido e cuja origem se encontra na infância do sonhador. Dizem respeito, portanto, à história de vida do sonhador, a sua psique individual. Esse pressuposto teórico não permite a compreensão de sonhos que são entendidos por uma

comunidade como frutos de uma vida coletiva, tal como o povo Krahô compreende seus sonhos.

A *Daseinsanalyse* surge enquanto prática clínica a partir de dois movimentos: de uma crítica à metapsicologia psicanalítica e da busca por uma outra fundamentação filosófica do ser humano. As críticas à metapsicologia psicanalítica efetivadas por Medard Boss apontam que a teoria - como um pressuposto - pode impedir de vermos o fenômeno tal como ele se manifesta. Como no mito grego da cama de Procusto (Silva Junior; Mello Neto, 2020 p. 57), a utilização de teorias na psicologia (tal como a metapsicologia psicanalítica) (re)corta o fenômeno de tal forma que tudo aquilo que não se encaixa nelas é excluído, deixado de fora. Este recorte pode ocorrer se interpretarmos os sonhos como dizendo respeito apenas a experiências individuais, por excluir as ontologias que os compreendem como um fenômeno coletivo, tal como a do povo Krahô e as de outros povos originários.

Considerando que buscar ver e fazer ver os entes tal como eles se mostram é o lema da fenomenologia e da psicologia fenomenológica, torna-se essencial questionar se estas têm deixado que o sonho apareça como tal, em suas dimensões particulares e coletivas. Isto se torna especialmente importante em se tratando de sociedades cuja ontologia - concepção do "ser" - difere das visões ocidentais individualistas, como para o povo Krahô. O sonho não é visto como uma expressão única de um "eu" isolado, mas como uma experiência que deve ser compartilhada.

Torna-se importante enfatizar que a ontologia apresentada por Martin Heidegger apresenta uma concepção do ser do homem que critica a cisão sujeito-objeto e um consequente enfoque no indivíduo isolado. O *Dasein*, ou ser-aí, desde o princípio já está imerso na lida com entes intramundanos e junto às pessoas:

No livro *Seminários de Zollikon*, o filósofo esclarece que a compreensão do existir humano como *Dasein* envolve não pensá-lo como um sujeito isolado, pois “o *Dasein* deve ser visto sempre como ser-no-mundo, como ocupar-se com as coisas e cuidar dos outros, como ser-com as pessoas que vêm ao encontro, nunca como um sujeito existente para si” (Heidegger, 2009, p. 199). (Cardinalli, 2020, p. 164).

Heidegger enfatiza que a existência humana não se dá de forma isolada, mas é "ser-no-mundo". Há um afastamento de concepções que postulam indivíduos separados de mundo. Na visão dele, estamos sempre em um contexto de interações e relações com

outros seres, algo que ressoa fortemente com a prática de compreensão onírica dos Krahô, na qual os sonhos são entendidos de forma comunitária.

A fenomenologia de Martin Heidegger apresenta uma fundamentação ontológica (ser-com) que pode possibilitar a compreensão de fenômenos ônticos (sonhos) sem cindir sonhador de seu mundo, e sem atribuir ao sonho o caráter de produção subjetiva. Isto permite a aproximação da psicologia fenomenológica de povos cujas ontologias não cindem indivíduo de mundo, e cujas experiências ressoam essa concepção do ser, tal como o povo Krahô. Além disso, conforme explicitado acima neste artigo, a psicologia fenomenológica prescinde de teorias que poderiam recortar o fenômeno onírico e excluir ou invisibilizar as experiências que não cabiam nas teorias. No entanto, ainda é necessário explicitar como as propostas daseinsanalíticas de análise dos sonhos consideram os sonhos coletivos.

Assim, este trabalho objetiva entender se há na *Daseinsanalyse* propostas de análise dos sonhos que permitam compreender os sonhos como um fenômeno coletivo. Para tanto, inicialmente serão apresentadas maiores informações sobre o povo Krahô e seu modo de vida coletivo, que nos ajudarão a compreender os conhecimentos produzidos por estes povos. Em seguida, serão explicitadas algumas propostas de análise dos sonhos daseinsanalíticas, com o intuito de compreender se há nelas a possibilidade de diálogo com os modos coletivos de interpretação dos sonhos. Neste artigo serão enfocados Ludwig Binswanger, Medard Boss e Alice Holzhey-Kunz, por terem inovado em suas propostas de compreensão psicológica do ser humano tendo como fundamento a filosofia de Martin Heidegger. Este estudo pode proporcionar reflexões sobre as formas como nos relacionamos com os outros no mundo e como tais conexões se dão em nossa existência onírica.

1 CONHECIMENTOS DO POVO KRAHÔ: TESSITURA DE SABERES COLETIVOS

Os Krahô são um grupo indígena do tronco linguístico macro Jê (Jorge, 1993). São guiados e aconselhados por líderes tradicionais, geralmente os mais velhos e respeitados, que orientam os jovens e mantêm os costumes (Jorge, 1993). Tiveram seus primeiros contatos com colonizadores no final do século XVIII (Jorge, 1993). Após serem vítimas de um violento massacre perpetrado por criadores de gado em 1940, foi demarcado o território Krahô, que é uma importante área de preservação do Cerrado

(Jorge, 1993). A lembrança do massacre permanece, assim como a resistência e o festejo (Jorge, 1993). Os rituais também ocupam lugar de importância na cultura Krahô para formalização das relações, realimentar de laços de parentesco e transmissão oral da história do povo (Jorge, 1993). Seguem buscando manter sua tradição e cultura, preservando aquilo que lhes foi ensinado por seus pais e avós (Jorge, 1993).

A vida dos Krahô é centrada na cooperação e harmonia com a natureza. Suas aldeias, dispostas em formato circular, são espaços para cerimônias e deliberações importantes (Jorge, 1993).

Em documentário co-produzido pelo povo Krahô (Jorge, 1993), podemos aprender que sua cosmogonia conta que, há muito tempo, só havia terra. Então Sol e Lua vieram habitar a terra em forma de homens. O Sol criou a mulher da cabaça e deu início a tudo que existe sobre o mundo. Os Krahô se consideram, assim, filhos da terra.

A cosmologia Krahô é intimamente ligada à natureza, acreditando que animais, plantas e fenômenos naturais possuem essências espirituais (Albuquerque; Leite; Castro, 2016, p. 433).

A análise dos sonhos Krahô compõe um universo próprio, onde os sonhos são narrados e expressos em um conjunto de significados e práticas que transcendem o indivíduo em sua ação concreta (Albuquerque; Leite; Castro, 2016, p. 436). Os Krahô sustentam que os sonhos são a expressão viva de sua vida social e espiritual, compartilhando-os e tendo-os interpretados em sua própria comunidade.

A atenção ao tratar coletivamente os sonhos inclui compartilhá-los em reuniões, interpretá-los com líderes espirituais, praticar a proteção e purificação dos sonhos e monitorá-los tanto em tempos de paz quanto em tempos de crise (Lima, 2022). Dessa forma, se leva em conta todas as relações humanas e cósmicas para preservar o equilíbrio e a harmonia da comunidade, dado que os sonhos são também vistos como uma manifestação do mundo espiritual que revigora laços coletivos e o bem-estar grupal (Lima, 2022).

A relação dos Krahô com os sonhos não é apenas uma questão de simbolismo, mas algo vivido e sentido em conjunto, no qual as dimensões social, pessoal e espiritual estão engajadas. Para dar sentido a essa conexão, é necessário incluir esses três prismas de análise, que podem nos ajudar a ter uma visão mais completa e respeitosa da vida dos Krahô e de seus sonhos (Lima, 2022).

A psicologia indígena oferece uma perspectiva valiosa sobre como os sonhos são experimentados e incorporados na vida dos Krahô, contrastando com as interpretações ocidentais muitas vezes simplificadas e superficiais. Ela destaca a importância de entender os fenômenos psicológicos dentro do contexto cultural de cada povo, levando em consideração valores, crenças e experiências históricas que moldam as formas de cuidado e as análises dos sonhos de maneira diferente entre os povos (Vitale; Grubits, 2009, p. 3).

Observa-se, desta forma, que a análise dos sonhos feita pelo povo Krahô é apenas um de múltiplos aspectos que refletem uma compreensão do mundo que não é individualizante e que abarca não apenas o olhar para outras pessoas, mas também para outros seres da natureza. Considerando que a psicologia fenomenológica também busca compreender o ser do humano sem recorrer a cisão entre indivíduo e objeto, podemos considerar que o diálogo entre psicologia indígena e psicologia fenomenológica pode gerar importantes conhecimentos neste caminho de compreensão do ser humano em coletividade. Para tanto, é necessário compreender o quanto as psicoterapias daseinsanalíticas tem se atentado para a dimensão coletiva do fenômeno abordado neste artigo, o sonho. Discorreremos nos próximos tópicos sobre as análises dos sonhos propostas por Ludwig Binswanger, Medard Boss e Alice Holzhey-Kunz. A partir disso será possível verificar como os conhecimentos proporcionados pelo povo Krahô (e sua proposta de análise dos sonhos) podem nos ajudar a tecer críticas e a ampliar aquilo que foi proposto nas psicoterapias de cunho daseinsanalítico.

2 LUDWIG BINSWANGER

Ludwig Binswanger foi um dos primeiros a se basear na filosofia heideggeriana para a compreensão da experiência humana, especialmente no domínio da psicopatologia. Reconhecido por desenvolver uma abordagem fenomenológica, Binswanger buscava entender a experiência de seus pacientes de uma maneira que transcende as classificações patológicas convencionais. Ele argumentava que a psicopatologia deve ser percebida não apenas como um conjunto de sintomas, mas como formas de existência que refletem o modo único de ser-no-mundo de cada indivíduo.

No ensaio *Sonho e existência* (1930/2013), publicado no Brasil em uma obra com o mesmo nome (2013), Binswanger analisou os sonhos não como conteúdos psíquicos, mas como um modo de ser. O autor propõe que o sonho tem como aspecto central

estruturas essenciais ontológicas (Binswanger, 2013, p.180). Desta forma, este é o aspecto mais relevante para a compreensão de um sonho. O conhecimento da história de vida do sonhador acaba se tornando um aspecto secundário, mas que possibilita compreender porque a estrutura essencial ontológica ganhou aquele preenchimento específico naquele momento (Binswanger, 2013, p.186).

É possível perceber que o autor privilegia a estrutura existencial ontológica que se revelaria em cada sonho. Por serem ônticos, tanto o caráter individual de cada sonho, relativo à história de vida do sonhador, quanto possíveis aspectos coletivos, são relegados a segundo plano.

No ensaio acima mencionado, Binswanger (2013) também retoma a compreensão dos sonhos na Antiguidade grega para apresentar sua reflexão sobre o caráter da existência onírica, e por esta razão aqui será apresentado um panorama das formas de compreender o sonho nesse período e local.

A interpretação dos sonhos na Grécia Antiga, séculos V e IV a.c., se inseriu em um contexto cultural, filosófico e religioso que atribuiu aos sonhos o caráter de mensagens divinas ou premonições acerca do futuro. Acreditava-se que os deuses; especialmente Asclépio, divindade associada à medicina; enviavam sonhos direcionadores, curadores ou alertas para os mortais (Meneses, 2000, p. 188). Quando devidamente interpretados, os sonhos podiam proporcionar não apenas percepções sobre saúde e sorte, mas também sobre decisões significativas. Esse ofício muitas vezes era realizado por sacerdotes e oráculos, considerados especialistas em decifrar significados. Frequentemente, os sonhadores buscavam intervenção divina nos templos, acreditando que seus sonhos impactavam suas vidas de maneira significativa.

No entanto, esta não era a única forma de compreender o fenômeno onírico na Antiguidade grega. Entendimentos diversos podem ser observados ao estudar a obra de filósofos. Aristóteles, por exemplo, conceituou os sonhos como fenômenos naturais, intimamente ligados ao estado da mente e do corpo enquanto se dorme, refletindo as preocupações e vivências do sonhador, como exposto em sua obra *Sobre os Sonhos* (Palmieri, 2015, p.19). Já Platão enxergava os sonhos como veículos de verdades mais profundas, capazes de revelar facetas da alma, conforme discutido na *República* (Silva, 2021, p.120).

Binswanger retoma o entendimento de Heráclito de que o aspecto decisivo para distinguir o sonho do período de vigília se encontra na distinção entre mundo comum e mundo próprio, sendo o primeiro característico daqueles que estão despertos, enquanto os sonhadores se encontram no segundo (Binswanger, 2013, p.204). Desta forma, na visão de Binswanger “Despertar de um sonho é como sair da esfera do idion Kosmos (mundo privado), para entrar na dimensão do koinos Kosmos (mundo comum), esfera do universal (Binswanger, 1947/1971).” (Alvarenga, 2017, p.372).

Binswanger aproximou o sonho das psicopatologias ao caracterizá-los como experiências particulares. Apontou também que estar imerso em um mundo particular é encontrar-se em ilusão (Binswanger, 2013, p.206). Desta forma, o autor relata:

Tudo isto soa, naturalmente, muito abstrato, mas é, contudo, ele mesmo por demais próximo da vida; pois em todo e qualquer tratamento psíquico sério, por exemplo, e sobretudo precisamente na psicanálise, chegam instantes, nos quais o homem precisa se decidir, quer ele preservar a sua opinião privada, o seu teatro privado, como um doente me disse certa vez, quer ele queira despertar de seu sonho com o auxílio do médico enquanto mediador sapiente entre mundo próprio e mundo comum, entre ilusão e verdade, participando da vida da universalidade [...] (Binswanger, 2013, p. 207)

Binswanger não apenas considerava o sonho como uma experiência particular ao sonhador, afastando-se das concepções divinatórias presentes na Grécia Antiga, mas também como uma ilusão da qual se deveria, eventualmente, despertar. O autor não aponta se estas concepções possuem caráter ôntico ou ontológico. Ele propõe a busca pelos fundamentos ontológicos presentes no sonho, mas considera que tais fundamentos também ganham um preenchimento específico de acordo com a história de vida do sonhador, de forma que a ontologia sempre aparece como fundamento da história concreta do sonhador. Acerca do âmbito ôntico da existência, fica evidente que o psiquiatra considerava o sonho como dizendo respeito apenas à história de vida privada do sonhador, concepção diametralmente oposta à presente na experiência do povo originário Krahô. De toda forma, ainda se torna necessário pensar sobre como se compreende o caráter de ser-com neste caso.

Este é um questionamento que precisa ser respondido em estudos futuros, baseados em um fundamento filosófico que escape do campo deste trabalho. É possível sinalizar, no entanto, que a dúvida sobre o entendimento de Binswanger sobre os âmbitos ôntico e ontológico foi um ponto de crítica de Martin Heidegger ao psiquiatra. Heidegger

aponta para uma simplificação ou objetificação da essência da experiência existencial em algumas das formulações de Binswanger.

A crítica central de Heidegger refere-se à tentativa de Binswanger de ajustar a ontologia heideggeriana ao integrar o fenômeno ôntico do amor na estrutura ontológica do cuidado, *Sorge*. Heidegger ressalta que, no sentido ontológico, o cuidado é a totalidade estrutural do *Dasein* (Cardinalli, 2002, p.81), não podendo, desta forma, ser confundido com fenômenos ônticos como o amor. Na visão heideggeriana, o fundamento ontológico do amor é o cuidado. Assim, é crucial distinguir entre a explicitação ontológica da totalidade estrutural do *Dasein* e o aspecto ôntico de cuidar ou descuidar de si mesmo e dos outros:

Para Heidegger, o cuidado não pode ser comparado e completado com o fenômeno ôntico, amor, pois ‘enquanto totalidade originária de sua estrutura, a cura (cuidado) se acha, do ponto de vista existencial a priori, ‘antes’ de toda atitude e ‘situação’ da pre-sença (*Dasein*)’ (Heidegger 1988, p.258). (Cardinalli, 2002, p. 81).

Outra objeção de Heidegger indica que a ontologia fundamental é negligenciada na psiquiatria daseinsanalítica proposta por Binswanger, pois ele “[...] compreende o ser-no-mundo e a transcendência do *Dasein* como fenômenos ônticos independentes da relação do *Dasein* com o ser (op.cit., p. 238).” (Cardinalli, 2002, p. 81).

Embora Binswanger tenha elaborado contribuições significativas, Heidegger clama por uma elucidação mais rigorosa das questões ontológicas que não podem ser totalmente resolvidas por métodos que se dedicam a categorizar a experiência humana. A reflexão heideggeriana enfatiza que a compreensão do ser humano deve transcender a mera empiria, abrangendo as interseções entre existência, linguagem e contexto histórico.

Binswanger recepcionou as críticas de Heidegger de modo a compreender que suas propostas de fato escapavam à ontologia proposta pelo filósofo. Isto fez com que Binswanger em fase posterior de seu trabalho deixasse de intitulá-lo como *Daseinsanalyse* e passasse a denominá-lo “fenomenologia antropológica” (Cardinalli, 2022, p. 325). No entanto, na época da escrita do ensaio *Sonho e existência* (Binswanger, 2013) o psiquiatra ainda se fundamentava na fenomenologia de Heidegger.

Pode-se concluir que a análise dos sonhos proposta por Binswanger não permite uma aproximação da compreensão dos sonhos presente para o povo Krahô, assim como de outros povos e grupos que consideram o sonho a partir da possibilidade de uma existência compartilhada. É necessário maiores estudos para compreender o fundamento ontológico do que ele considerava como “modos de existência privados”.

3 ALICE HOLZHEY-KUNZ

Alice Holzhey-Kunz é daseinsanalista. Estudou com Medard Boss, mas posteriormente divergiu dele em relação às suas concepções de saúde e adoecimento, desenvolvendo um pensamento próprio. Sua interpretação dos sonhos se alinha à proposta de Binswanger, e por isso é apresentada logo após esse autor. Assim como ele, Holzhey-Kunz considerava que os sonhos são experiências particulares ao sonhador:

[...] nós dormindo nos retiramos daquele mundo da vigília comum, no qual se encontra diante de nós a tarefa de conduzir a nossa vida sob condições previamente dadas e em interação com os outros. O mundo dos sonhos não é nenhum mundo comum, mesmo que nele se interaja com outros homens. Por isto, Binswanger fala, por meio de um recurso a Heráclito, do ‘ídiom cosmos’ (mundo próprio), porque tudo aquilo que acontece no sonho sempre diz respeito apenas a mim, é completamente minha própria coisa. (Holzhey-Kunz, 2018, p. 147)

Conforme apontado na citação acima, Holzhey-Kunz compreende que ao sonharmos, nos retiramos do mundo comum. Isto é de máxima importância para a análise dos sonhos proposta pela autora, já que Holzhey-Kunz propõe que, ao se retirar do mundo compartilhado, o sonhador fica mais suscetível a perceber a existência humana enquanto tal. É necessário retomar brevemente *Ser e Tempo* (1927/2014) para compreender esta afirmação. Nesta obra, Heidegger aponta que o ser do humano é marcado por um caráter de indeterminação ontológica, jogado em um mundo enquanto horizonte de significados. O ser do ser-aí não aparece em seu caráter de nadidade por estar imerso no âmbito impessoal da existência. Holzhey-Kunz (2018) afirmou que conforme o sonhador se remove do âmbito comum da existência, estaria também afastado do domínio do impessoal e mais suscetível a que sua verdade ontológica viesse à tona. A nadidade originária poderia passar ao primeiro plano nos sonhos, sendo percebida e tematizada.

Tal concepção está em acordo com a compreensão de adoecimento como uma escuta particularmente aguçada para a verdade ontológica humana, ou seja, seu caráter de indeterminação originária. Aquele que está doente seria mais sensível para perceber a nada que fica como um pano de fundo para todas as ações humanas, a falta de base por baixo de todas as aparentes fundações. O sonhador se encontraria em uma posição próxima do doente, portanto. Em ambos os casos há um acesso a esse aspecto da existência que não se mostra quando se está mergulhado na impessoalidade.

É por esta concepção de sonho que a autora propõe, de forma similar a Binswanger, que a prioridade ao analisar um sonho está em encontrar o sentido ontológico que se apresenta nele: “[...] na existência em sonho é o sentido ontológico das ocorrências e das ações, ao invés do sentido ôntico-concreto, que impera [...]” (Holzhey-Kunz, 2018, p.148). Isto também orienta a prática psicoterapêutica, já que o sonho permite compreender qual aspecto da verdade existencial está aparecendo em um dado momento e a partir da história de vida daquele paciente específico.

Torna-se possível concluir, portanto, que Holzhey-Kunz, assim como Binswanger, entende os sonhos como fenômenos particulares que devem ser analisados tendo prioritariamente em vista a verdade ontológica que se revela neles. A maior diferença entre esses autores encontra-se no objetivo do tratamento psicopatológico. Enquanto Binswanger (2013) considerou a doença psicológica e o sonho como ilusões em relação às quais se deveria despertar, Holzhey-Kunz as considerou como permeadas por uma sensibilidade maior para aquilo que é próprio do ser-aí, o que muda a valoração tanto da doença psíquica quanto do sonho.

Holzhey-Kunz formulou sua interpretação dos sonhos tanto a partir de uma fundamentação na ontologia proposta por Martin Heidegger quanto pelo pressuposto de que alguém, ao sonhar, se retira do mundo compartilhado. São ambos os fundamentos que permitem a afirmação de que, ao sonhar, nos retiramos do mundo como âmbito impessoal de forma que a verdade ontológica - a indeterminação originária do ser-aí - venha à tona. Este posicionamento gera uma série de questões. Retirar-se do mundo como âmbito impessoal implicaria deixar de ser deixar de ser ser-com? Caso não, o que ocorre com o Existencial ser-com durante o sonho? Tais perguntas não serão respondidas em seu referencial na filosofia de Martin Heidegger, por fugirem do escopo desse artigo. Apesar disso, elas propiciam reflexão sobre os pressupostos filosóficos que estão em questão.

A revisão dos pressupostos presentes nas análises dos sonhos propostas por Binswanger e Holzhey-Kunz podem nos levar a duas possíveis respostas para essas perguntas. A primeira possibilidade é a de que o existencial ser-com permanece presente durante os sonhos, de modo que os autores estavam tratando de um modo de compartilhamento específico, que diz respeito às noções de propriedade e impropriedade. Neste caso, os pressupostos ontológicos destas análises dos sonhos podem dialogar com aqueles do povo Krahô.

A segunda possibilidade é que tanto Binswanger quanto Holzhey-Kunz estivessem defendendo que de fato não há qualquer compartilhamento ou decaimento nos sonhos, como se os sonhadores estivessem em contato direto com a ausência de fundamento do ser. A ontologia Krahô aponta para um mundo em que seres humanos e não humanos estão em constante relação, mesmo durante a existência onírica. Desta forma, não poderíamos afirmar a partir dessa concepção do ser do homem que o mundo dos sonhos não é um mundo comum. Assim, se esta segunda possibilidade interpretativa for a correta, os fundamentos ontológicos entre as análises dos sonhos Krahô e desses dois terapeutas seriam diversos. Neste caso, estaríamos cometendo uma violência epistêmica se impusessemos as análises dos sonhos de Binswanger e Holzhey-Kunz não apenas aos Krahô, mas a toda e qualquer pessoa ou povo cuja visão de mundo abarcasse o sonho como mais uma forma de aparição da vida na coletividade.

Verifica-se desta forma a necessidade de revisitar as análises dos sonhos de Binswanger e Holzhey-Kunz para reformular parte delas ou assumir que não é adequado utilizá-las a depender da compreensão de ser do sonhador e de seu povo.

4 MEDARD BOSS

Medard Boss, médico e psicoterapeuta, entrou em contato com a fenomenologia primeiramente a partir do trabalho de Binswanger, e depois em relação direta com Martin Heidegger (Boss, 1976, p.25), desenvolvendo assim a sua proposta de *Daseinsanalyse*. Boss escreveu dois livros e um artigo sobre os sonhos, sendo que um desses livros, *The Analysis of Dreams* (1958), não se encontra disponível em português. Apenas os textos que foram traduzidos para língua portuguesa serão referenciados neste texto.

Em seu livro, *Na Noite Passada Eu Sonhei* (1966/1979), Boss propõe que os sonhos “[...] devem ser reconhecidos como um modo de existência lado a lado com a vida

desperta” (Boss, 1979, p.27). A compreensão dos fenômenos deve se dar buscando os nexos de significados e contextos de referência que se mostram em sua dação, tanto na existência desperta quanto na onírica. Boss apresenta um exemplo de uma pessoa que sonha com um cão (Boss, 1979, p.37). O psicoterapeuta propõe que deixemos o cachorro ser como se mostra, como um cão de carne e osso, em seu contexto de referência:

[...] cães sonhados, que são como quaisquer outros cães que encontremos, nem mais nem menos. Como, então, podem os “intérpretes dos sonhos” justificar a afirmação de que cachorros sonhados, justamente com sua natureza observável, representam a “personificação” dos próprios traços animais do sonhador? Onde pergunto, receberia o cachorro sonhado tal significação “simbólica” - a menos, é claro, que estejamos assumindo desde o princípio que o próprio sonhador tenha criado o cão sonhado dentro de si e dado à sua criação um significado ainda maior que qualquer deus estaria em posição de fazer. (Boss, 1979, p. 40)

Desta forma, Boss aponta que deixar que o fenômeno onírico se mostre tal como é implica não assumir que aquele ente é uma personificação do próprio sonhador. Esta crítica se refere mais diretamente à psicanálise e à psicologia analítica, que assumem a existência não apenas de uma mente, mas de uma mente que cria e elabora à revelia do próprio sonhador. Podemos ampliar esta crítica, no entanto, para todas as propostas de interpretação dos sonhos que relembram os sonhos à posição de produção do sonhador.

A citação acima também aponta a relevância de deixar que os entes se mostrem tal como aparecem, em seu contexto de referência: deixar que o cachorro do sonho seja de carne e osso, como qualquer cão que encontremos. Isto remete à afirmação de Boss (2018, p. 91) de que os sonhos não devem ser compreendidos como ilusões dos sentidos. Este posicionamento é diverso daquele presente na análise dos sonhos de Binswanger, que, conforme apontado em tópico anterior, compara os sonhos e as psicopatologias como imersões em um mundo privado e, portanto, ilusórias.

O autor não se refere diretamente à possibilidade de o sonho ser experienciado de forma compartilhada, mas apresentou bases a partir das quais é possível formular um entendimento sobre o assunto por afirmar que o sonho não é ilusório, nem particular. Ele abre a possibilidade de que a existência onírica seja vista como um encontro entre o sonhador e os entes com que sonha, ao afirmar que “Sonhar é parte da ‘existência humana enquanto diálogo’ entre o que invoca aos seres humanos desde a abertura de seu mundo e os pensamentos e ações com que estes respondem.” (Boss, 2018, p.106). O autor deixa

explícito neste trecho sua compreensão de que o ser do humano é ser-no-mundo, desperto ou sonhando, sendo, portanto, abertura para aquilo que vem ao encontro. Em se tratando do povo Krahô, aquilo que vem ao encontro podem ser entidades espirituais, animais, ancestrais.

É possível concluir que Boss baseia sua análise dos sonhos na ontologia heideggeriana, compreendendo o ser-aí como ser-com. Não cinde sonhador de entes oníricos, nem propõe que os sonhos sejam particulares àquele que sonha. Não questiona a realidade daquilo que aparece em sonho. Isto permite um diálogo com ontologias tais como a do povo Krahô, já que possibilita enxergar aquilo que aparece em sonho tal como aparece, no contexto referencial daquele que sonha. O autor não considerou a possibilidade de compreensões do sonho coletivas tais como as que ocorrem nas Rodas de Sonhos do povo Krahô. É possível que esta forma de cuidado com os sonhos seja própria a povos cujo modo de vida seja comunitário. Estes povos não foram diretamente considerados pelo pensador europeu.

5 DIÁLOGOS: TECENDO UMA ANÁLISE DOS SONHOS COLETIVA E DASEINSANALÍTICA

Este tópico se dedica a analisar os entendimentos apresentados anteriormente com o intuito de compreender se há a possibilidade de cuidarmos dos sonhos coletivamente tendo como base a psicologia fenomenológica e, mais especificamente, a *Daseinsanalyse*. Considerando primeiramente os seus fundamentos ontológicos, torna-se necessário retornar a filosofia de Martin Heidegger com o intuito de compreender de qual forma se dá a relação com o outro. Isso permite explicitar se há fundamento na fenomenologia que permita compreender experiências oníricas compartilhadas.

Heidegger (2014) redefine a existência como *Dasein*, compreendida como presença no mundo sempre contextualizada e co-presente com outros. Suas noções de ser-no-mundo e ser-com enfatizam que a existência humana se dá em um mundo compartilhado, em que as relações com os outros moldam a compreensão de si. Ao propor a existência no mundo como ser-no-mundo e ser-com, Heidegger (2014) também faz uma crítica às divisões sujeito-objeto e psique e corpo, que criam uma cisão que enfraquece a compreensão dos fenômenos ao isolá-los do contexto que estão inseridos.

Verifica-se, portanto, que os fundamentos fenomenológicos apontam que os sonhos não são produtos individuais de uma psique e, por isso, possam ser compreendidos

em sua conexão com a coletividade. Ocorre que, após a verificação do conhecimento produzido no âmbito da *Daseinsanalyse* clínica, torna-se possível observar que esta não abordou de forma explícita a possibilidade de uma análise coletiva dos sonhos.

Além disso, também foi possível observar que Binswanger (2013) utilizou outra referência (além da fenomenologia heideggeriana) em seu trabalho sobre os sonhos: ele retomou colocações de Heráclito sobre mundo comum e mundo próprio. Ao utilizar-se dessa referência, o autor cria uma análise dos sonhos baseada na concepção de que esse âmbito da existência é pertinente apenas ao sonhador. Holzhey-Kunz (2018) formula sua proposta de análise dos sonhos com base naquela apresentada por Binswanger, de modo que é possível chegar às mesmas conclusões. Se partirmos desse pressuposto, estas psicoterapias fenomenológicas não poderiam cuidar de sonhos compreendendo-os como fenômenos vividos em comunidade. É possível questionar, no entanto, se não existe a viabilidade de alterar essas propostas de análise dos sonhos reformulando este pressuposto, porém mantendo outras contribuições, tais como o olhar para aspectos ontológicos que se mostram nos sonhos. Uma das formas de fazer isto seria, por exemplo, atentar-se para o fundamento ontológico ser-com ao analisar um sonho. Esta é uma possibilidade se temos em vista que a *daseinsanálise* não é uma teoria, já que sua prioridade é respeitar o fenômeno tal como ele aparece, e que pressupostos prévios devem ser descartados caso o fenômeno não se apresente em acordo com estes.

Seguindo este mesmo fio condutor, é possível ampliar a proposta de análise dos sonhos de Medard Boss. O autor não propôs que o sonho fosse particular a aquele que sonha, nem questiona a realidade da existência onírica. Neste sentido, os pressupostos ontológicos presentes nesta análise são compartilhados com aqueles presentes no conhecimento do povo Krahô. Assim, as sugestões de análise dos sonhos propostas por Boss são interessantes: deixar que os entes no sonho se mostrem tal como aparecem e compreender como o sonhador se comporta em relação a esses entes. Boss não apresentou desdobramentos de sua análise dos sonhos relativos à possibilidade de trabalhar com eles em análises coletivas, mas isto poderia ser feito em uma revisão e ampliação do trabalho do autor, como, por exemplo, em terapias grupais, tanto particulares como no Sistema Único de Saúde (SUS).

O trabalho com sonhos em contexto grupal não é algo inédito, mesmo considerando as abordagens da psicologia desenvolvidas em contexto europeu. O

psicodrama, por exemplo, possui uma técnica intitulada “onirodrama”, que consiste em reviver o sonho na ação dramática (Gonçalves; Wolff; Almeida, 1988, p.92). Apesar desta técnica também poder ser utilizada em psicoterapias individuais, é possível realizar onirodramas em psicoterapias de grupo, desde que todos os seus membros tenham concordado previamente com a escolha daquele que trará o sonho (Gonçalves; Wolff; Almeida, 1988, p.93-94).

A cosmovisão do povo Krahô aponta, no entanto, que o sonho não apenas seja analisado em grupo, mas também que aquilo que ocorre no sonho seja compreendido como se dando em um mundo compartilhado com outros seres (humanos e não humanos).

Desta forma, conclui-se que é possível analisar os sonhos de forma coletiva mesmo em contextos nos quais haja uma normalização da visão de mundo individualizante, tal como na maioria das sociedades industriais atuais. É necessário, no entanto, questionarmos o que temos compreendido que ocorre nos sonhos, caso estejam sendo enxergados como fenômenos pertinentes apenas ao sonhador. Faz-se necessário, portanto, a ampliação e revisão das análises dos sonhos formuladas pela *Daseinsanalyse* para abarcar modos coletivos de se compreender a vida.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente artigo pôde considerar a fundamentação da *Daseinsanalyse* a respeito do sonho enquanto fenômeno compartilhado. Esta é uma experiência presente para o povo originário Krahô, e tem por fundamento uma compreensão de mundo em que não há separação entre sujeito e objeto, e em que há uma experiência comunitária demarcada. A ontologia proposta por Martin Heidegger possibilita um diálogo com esse fenômeno por afirmar que o ser do homem é ser-com, sempre junto a outros ser-aí. Não estava evidente se os autores da *Daseinsanalyse* fundamentaram suas propostas de análise dos sonhos considerando esse Existencial.

Foi possível concluir que o fenômeno onírico foi considerado como um modo de existência por todos os autores destacados neste trabalho. Binswanger, Holzhey-Kunz e Boss buscaram compreender quais aspectos ontológicos fundamentam a experiência onírica, chegando a conclusões diversas. No entanto, tanto Binswanger quanto Holzhey-Kunz basearam-se na filosofia de Heráclito para afirmar que o sonho é um fenômeno particular ao sonhador, e isto teve um papel importante para suas conclusões sobre a

fundamentação ontológica da experiência onírica. Suas propostas de análise dos sonhos não permitem um diálogo com o fenômeno dos sonhos como experiência coletiva e compartilhada, a princípio. Futuros trabalhos poderiam ser desenvolvidos para elaborar essa articulação. Torna-se necessário evidenciar também que Holzhey-Kunz não havia encerrado sua produção intelectual à época da escrita deste artigo; por isso este trabalho não pretende encerrar suas contribuições sobre o assunto.

Boss não partiu do pressuposto do sonho como fenômeno particular ao sonhador. O autor dialoga de maneira crítica com a psicanálise e a psicologia analítica e suas concepções do sonho como produtos não apenas particulares ao sonhador, mas também produzidos por ele. Ele também não questionou o caráter de realidade do ser-aí. Apesar de não elaborar propostas relativas ao sonho em seu caráter coletivo, sua proposta de compreender os entes oníricos a partir do caráter de abertura do ser-aí para aquilo que vem ao encontro permite fundamentar uma compreensão do ser-com no modo de ser sonhando, algo que pode ser desenvolvido em futuros trabalhos.

Estes entendimentos nos mostram que ainda há campo para ser estudado quando se trata dos sonhos, principalmente quando se considera a necessidade de ampliar o olhar para grupos culturais que ou não foram abarcados por autores europeus, ou foram estudados a partir de um olhar colonizador, que não considerava seus referenciais de mundo e suas ontologias próprias. Tanto esta análise quanto estudos futuros podem ampliar a percepção e o entendimento do psicólogo fenomenólogo em múltiplos âmbitos: em estudos sociais e coletivos, em implicações grupais e pessoais e em contextos terapêuticos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBUQUERQUE F.E., LEITE F.F., CASTRO H.C. Revista COCAR, Belém, v.10, n.20, p. 431 a 455 – Ago./Dez. 2016 Programa de Pós-graduação Educação em Educação da UEPA <http://páginas.uepa.br/seer/index.php/cocar>

ALVARENGA, R. Os fundamentos transcendentais da *daseinsanalyse* psiquiátrica de Ludwig Binswanger. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, [S.l.], v. 20, n. 2, p. 368–381, abr. 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rlpf/a/Y3XMDp7RbDYvhKvs3PR4Krp/?lang=pt>. Acesso em 10 nov. 2024.

BINSWANGER, L. Sonho e existência. In: BINSWANGER, L. *Sonho e existência: ensaios e conferências 1: escritos sobre fenomenologia e psicanálise*. Rio de Janeiro: Via Verita, 2013.

BOSS, M. Análise Existencial – Daseinsanalyse: como a Daseinsanalyse entrou na psiquiatria. *Revista da Associação Brasileira de Daseinsanalyse*, São Paulo, v.1, n. 2, p.23-35, 1976.

BOSS, M. *Na noite passada eu sonhei...* 2. ed. São Paulo: Summus, 1979.

BOSS, M. *The Analysis of Dreams*. New York: Rider Company, 1958.

BOSS, M. Sonhar e psicoterapia. *Revista da Associação Brasileira de Daseinsanalyse*, São Paulo, v. 2, n. 36, p. 90-109, 2018. Reedição das edições de números 3 (1977) e 6 (1985).

CARDINALLI, I. E. A psiquiatria fenomenológica: um breve histórico. *Revista da Associação Brasileira de Daseinsanalyse*, São Paulo, v. 1, n. 11, p. 72-84, 2002.

CARDINALLI, I. Psicoterapia focal: psicoterapia breve fenomenológica existencial. *Psicologia Revista*, [S.l.], v. 29, n. 1, p. 157-175, 19 out. 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.23925/594-3871.2020v29i1p157-175>. Acesso em: 23 out. 2024.

CARDINALLI, I. Daseinsanalyse clínica e Medard Boss. In: TAMELINI, M.; MESSAS, G. (ed.). *Fundamentos da clínica fenomenológica*. Santana de Parnaíba: Manole, 2022.

FREUD, S. *A interpretação dos sonhos* (1900). São Paulo: Companhia das Letras, 2019. Tradução Paulo César de Souza.

GONÇALVES, C. S.; WOLFF, J. R.; ALMEIDA, W. C. de. *Lições de psicodrama: introdução ao pensamento de J.L. Moreno*. 11. ed. São Paulo: Ágora, 1988.

HEIDEGGER, M. *Ser e Tempo* (1927). São Paulo: Editora Vozes, 2014. Tradução Fausto Castilho.

HOLZHEY-KUNZ, A. *Daseinsanálise: o olhar filosófico-existencial sobre o sofrimento psíquico e sua terapia*. Rio de Janeiro: Via Verita, 2018.

JORGE, L. E. Krahô os filhos da terra - Documentário - Luíz Eduardo Jorge – 1993 – Documentário - YouTube, 1993. Disponível em: <https://youtu.be/dRpYerWFVx8?si=udUjxBsfHdtLIwew>. Acesso em: 24 de maio de 2025.

LIMA, R. R. Diálogo entre os saberes tradicionais indígenas e a psicologia analítica: esboço para um reencantamento do mundo. *Junguiana*, São Paulo, v. 40, n. 1, p. 125-138, jun. 2022. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-08252022000100006&lng=pt&nrm=iso. acessos em 30 maio 2025

MENESES, A. B. O sonho e a literatura: mundo grego. *Psicologia USP*, [S.l.] v. 11, n. 2, p. 187–209, 2000. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-65642000000200012>. Acesso em: 23 out. 2024.

ORTEGA, A.; JECUPÉ, K. W. (2020). *Kaká Werá Jecupé: “A sociedade não está conseguindo dormir, quanto mais sonhar”*, [Online]. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/jornal/kaka-wera-jecupe-a-sociedade-nao-esta-conseguindo-dormir-quanto-mais-sonhar/>. Acesso em: 17 maio 2023.

PALMIERI, M. L. *Os tratados sobre o sono e os sonhos, De Somno et Vigília e De insomniis, de Aristóteles*. Belo Horizonte. 90 p. Dissertação em Estudos Literários. Universidade Federal de Minas Gerais, 2015.

SILVA, M. R. Sonho, imagem e sensação na teoria da percepção sensível de Epicuro. *Prometheus - Journal of Philosophy*, [S. l.], v. 13, n. 37, p. 120-140, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.52052/issn.2176-5960.pro.v13i37.13285>. Acesso em: 13 nov. 2024.

SILVA JUNIOR, M. C.; MELLO NETO, Gustavo A. R.. O brasileiro no “Divã de procusto”: a psicanálise e seu discurso sobre o Brasil. *Estudos Interdisciplinares em Psicologia*, [S. l.], v. 11, n. 3, p. 52–75, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.5433/2236-6407.2020v11n3p52>. Acesso em: 1 nov. 2024.

VITALE, M. P.; GRUBITS, S..(2009). *Psicologia e povos indígenas: um estudo preliminar do “Estado da Arte”*. Campo Grande/MS - 16 p.. Dissertação de Mestrado em Psicologia, UCDB. <https://pssaucdb.emnuvens.com.br/pssa/article/view/10/12> Acesso em: 25/05/2025.

Recebido em: 13/11/2024 | Aprovado em: 21/05/2025